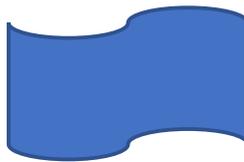
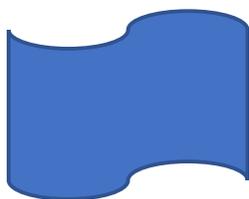


*Preconceitos*

*Romance*







# *Preconceitos*

*Abdenal Carvalho*

Copyright © Abdenal Carvalho 2016

Título: Preconceitos

Capa do autor

Revisão do Autor

ISBN: 9781548828837 / 139 páginas

Categoria: Romance

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais são meras coincidências.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem consentimento escrito pelo autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal brasileiro.

# SUMÁRIO

Capítulo 1 - Os Borges .....	7
Capítulo 2 - Mudança.....	29
Capítulo 3 - Atração .....	51
Capítulo 4 - Separação.....	73
Capítulo 5 - Nova Paixão.....	83
Capítulo 6 – Sedução.....	111
Capítulo 7 - Reconciliação .....	121
Final - O Perdão.....	131



## *Capítulo 1 - Os Borges*

**A**ndré era o caçula de uma família radicalmente religiosa, composta por quatro pessoas: Sua mãe, uma assistente social de amplo reconhecimento pelos serviços públicos prestados em favor dos menores infratores, por quem não media esforços para libertá-los das drogas e do mundo do crime, onde viviam às margens da sociedade.

Seu pai, um pastor evangélico ortodoxo, extremamente rígido quanto a moralidade e os costumes litúrgicos de sua igreja, e Rogério, seu irmão mais velho que o desprezava por causa de sua homossexualidade. Os dois filhos do casal foram desde cedo educados de acordo com a doutrina cristã pentecostal imposta pelo líder religioso, preparando-os para no futuro darem continuidade a seu ministério pastoral.

Porém, ele jamais foi totalmente aceito e amado pelo pai, devido seu jeito afeminado que lhe tornava diferente do outro irmão. Os desentendimentos eram constantes entre o casal por conta disso e o clima familiar era quase sempre insuportável:

— Você precisa deixar esse preconceito de lado e aceitar nosso filho da maneira como ele é, pois não tem culpa alguma de ter nascido assim!

— Não se trata de preconceitos, apenas defendo aquilo que é certo, como poderei ensinar na minha igreja que Deus condena o homossexualismo se existir um dentro da minha casa?

— Deus não despreza ninguém, ele pode até não concordar com aquilo que praticamos, mas não nos desprezará por nossas fraquezas, antes fará de tudo para ajudar-nos a superá-las

— Você e seus conceitos humanitários, sempre achando que o ser humano é uma vítima da situação em que vive. Entenda de uma vez por todas que Deus não pensa como o homem, ele possui sua própria maneira de agir e seus conceitos não se baseiam nos nossos pontos de vistas, mas na sua própria justiça. Esquece que por causa da imoralidade das antigas civilizações ele destruiu cidades inteiras?

— É isso que vivo procurando entender a vários anos e não cheguei a nenhuma conclusão óbvia: Que Deus é esse que condena e destrói pessoas por causa de situações nas quais ele mesmo as colocou? Afinal, ninguém se torna um homossexual por opção, já se nasce assim!

— Agora você vai lançar sobre Deus a culpa de seu filho ser gay? — Paulo Borges, você não chame nosso filho de gay!

— Esta coisa ridícula não é meu filho! — A porta do quarto onde o casal se encontrava naquele momento não foi devidamente fechada. O adolescente de treze anos pôde ver e ouvir o desentendimento dos pais, que falavam alterados a seu respeito:

— Como você ainda tem coragem de subir num púlpito e ensinar a respeito do amor de Deus a seus fiéis, agindo desta maneira dentro de casa?

Deste jeito as coisas entre nós não darão mais certo, ou procura parar com esse preconceito e aprende a aceitá-lo da forma como ele é, ou peço o divórcio!

## Preconceitos

— Você ficou louca, mulher, tem ideia do desastre que irá causar ao meu ministério com essa atitude?

— Sei sim, no mínimo perderá o direito de exercer a função de pastor, e ao meu ver é isso que você merece por agir assim com tanto preconceito. O Deus que você serve não reflete o Jesus Cristo amoroso que conheci na bíblia, ele age como um bom samaritano, cuidando das pessoas ao invés de condená-las por causa de suas fraquezas. Este que nos mostra com suas atitudes é impiedoso e preconceituoso!

— O Deus que conheço é amor, mas também justiça! Ele não criou o homem para viver escravizado pelo pecado, tão pouco para a prática da imoralidade! A homossexualidade é uma dominação maligna e deve ser contestada pela igreja, os verdadeiros filhos do Senhor devem desprezar estas coisas!

— Mas foi o mesmo Deus que nos fez quem deu a vida a estas pessoas que hoje você despreza!

— Não fale tamanha blasfêmia, Sueli, essas aberrações não vieram de Deus!

Ele se afasta irritado, abandonando a discussão, percebendo ser impossível convencê-la do contrário. Depois que Paulo passa pelo estreito corredor em direção a uma das três salas da casa, André sai do esconderijo e mostra-se a mãe. Ela que percebe ter o filho visto e ouvido a conversa que teve com seu pai e, abraçando-o tenta confortá-lo:

— Tenha calma, meu menino, um dia tudo vai se ajeitar, seu pai ainda vai acabar compreendendo o tamanho do erro que está cometendo e deixará todo esse preconceito de lado

Como sempre, ao ouvir os conselhos da mãe permanecia em silêncio, pois sabia que ela estava ciente da impossibilidade daquela situação acabar bem entre os dois, jamais seria aceito como filho por seu pai, sua condição naquela

família seria sempre de repúdio e desprezo por causa de seu jeito estranho, delicado demais.

Estas características sempre existiram, mas tornaram-se cada vez mais perceptíveis em seu comportamento após a chegada da adolescência. O que lhe deixou exposto as zombarias dos amigos de escola e das outras crianças de sua idade que residiam no mesmo bairro. E, com o passar do tempo, até os adultos passaram a lhe fazer duras críticas e taxá-lo de gay ou outras palavras de baixo escalão.

Rogério, o irmão mais velho, sentia vergonha do seu jeito efeminado e, contando com o apoio do pai, lhe menosprezava. Os garotos da escola tinham prazer em lhe tratar com desrespeito e seu irmão via tudo com bons olhos, pois o odiava. Todos os dias, sempre ia deixar o colégio, assegurava-se de tê-lo por perto como garantia de que estaria seguro da implicância dos outros alunos, mas não adiantava porque ele sequer lhe dava atenção.

Como morava nas proximidades não era necessário ir de carro com a mãe, apesar de toda a rejeição vinda de todas as partes por onde passava. Porque ainda encontrava forças para acreditar num futuro melhor, onde seria possível conquistar o respeito das pessoas. Quando isso acontecesse finalmente poderia ser aceito por elas sem ter que usar máscaras ou fingir ser o que na verdade nunca foi interiormente.

Mas, antes de alcançar tamanha vitória teria muitos obstáculos a superar na sua caminhada. Certo dia, após a aula de educação física que durou além do tempo normal, andava pela rua deserta, com bastante árvores frutíferas plantadas no canteiro central, entre as duas vias, debaixo do sol escaldante daquela manhã.

Quando foi abordado por cinco rapazes que passaram a ridicularizá-lo por causa de seu jeito diferente. Por mais que evitasse as afrontas, mantendo-se em silêncio o tempo todo, eles insistiam em humilhá-lo ainda mais. Cansado de

## Preconceitos

ouvir as palavras torpes que lhe eram desferidas pelos agressores, André reagiu devolvendo-lhes respostas a altura de suas injúrias, e com isso despertou neles grande fúria contra si mesmo, resultando num brutal espancamento que lhe rendeu um olho roxo e vários hematomas pelo corpo.

Ao chegar em casa com suas roupas rotas de ser agredido a chutes e pontapés pelos rapazes. E por ter rolado tantas vezes pelo chão, escapando da surra com ajuda de algumas pessoas que passavam no exato momento pelo local, Maria, a empregada, entra em desespero e procura dar assistência ao adolescente o mais rápido possível. Sendo notificada do ocorrido, Sueli retorna do trabalho para casa de imediato e procura conversar com o filho para tentar entender o que de fato aconteceu:

— Afinal, o que houve, André? — Como sempre, diante das indagações da mãe mantinha-se em silêncio — Por favor, meu filho, você precisa me explicar o que houve!

— Acho que está óbvio, mãe, fui espancado na rua! — Sim, mas quem fez essa barbaridade com você?

— De que importa, mesmo que eles sejam punidos e parem de me perseguir, virão outros e farão o mesmo ou talvez até pior. A verdade, é que meu pai parece ter razão, eu sou mesmo uma aberração que desperta ódio nas pessoas!

— André Borges, nunca mais fale isso, eu lhe proíbo de se expressar desta maneira sobre si mesmo! Saiba que você é uma pessoa normal como qualquer outra, não permita que ninguém lhe faça se sentir inferior, pois não é!

— Não se trata de inferioridade e sim de ser diferente, sou um menino com características de menina e as pessoas não conseguem aceitar isso. Não tenho

culpa de ser assim, na verdade até gostaria de ser como os outros garotos, mas não consigo!

— Meu filho, você não precisa mudar seu jeito de ser pela imposição daqueles que são incapazes de aceitar o que suas mentes não conseguem compreender, as pessoas costumam atirar pedras em tudo que lhes causa espanto, e a homossexualidade ainda é motivo de assombro para a grande maioria delas

— Às vezes pergunto a Deus porque ele me fez assim, será que ele sente prazer em me ver sofrer, sendo renegado por todos que me cercam?

— Meu amor, pare de se martirizar com estas indagações, as vezes se torna difícil encontrar respostas para tantas dúvidas

— Resumindo: Ele me faz um ser que causa pavor nas pessoas e não se compromete a dar qualquer explicação á respeito disso?

— Não nos convém contestar as obras de suas mãos

— Que Deus injusto é este que faz uns para escarnecer e outros para serem escarnecidos, será que se diverte vendo suas criaturas sendo escarnecidas e humilhadas por aqueles que ele deu o mérito de serem perfeitos?

— Filho, procure descansar um pouco, está muito exausto e depressivo

— Depressivo, mãe, eu acabei de levar uma tremenda surra de uns caras que simplesmente discordam de minha sexualidade e a senhora acha que eu deveria estar conformado com tudo o que me aconteceu?

— Calma, não quis insinuar isso!

## Preconceitos

— Mas foi o que entendi!

— Seja mais paciente, aos poucos tudo vai acabar se resolvendo

— Você me pede paciência porque sabe que meu caso é algo sem jeito, estou condenado a ser motivo de escárnio para sempre!

A mulher abraça o adolescente com a ternura que somente uma mãe poderia lhe dar naquele instante, percebe nele o incômodo pelos hematomas causados em seu corpo.

Machucado pelas pisaduras de seus inimigos, e evita um carinho mais forte. Ela compreende sua necessidade de ficar sozinho e se afasta, deixando-o isolado em seu quarto. Jamais antes tinha visto nele tamanha amargura, era visível o ódio que ardia nos seus olhos, a revolta pela vida de rejeição finalmente o dominava. Sueli segue em direção a sala, onde Rogério e alguns amigos assistiam um jogo de futebol, sem qualquer remorso pelo que havia feito. Depois de pedir educadamente as visitas que se retirassem, pede explicações ao filho por sua omissão em proteger o irmão mais novo:

— Sua atitude é vergonhosa, Rogério, como permitiu que seu irmão fosse vítima de uma violência dessas?

— E o que eu devo fazer para proteger seu filhinho do coração, andar de mãos dadas com ele para que ninguém toque nele?

— Rogério Borges, você me respeite!

— A senhora agora vai me culpar por tudo o que acontecer com este fedelho?

— Você é tão preconceituoso quanto seu pai, critica seu irmão como se ele fosse um ser inferior, apenas porque é diferente

— Esse moleque anda por aí se comportando como uma bicha, envergonhando a família dele e temos que rancor dar com tudo como se fosse a coisa mais natural do mundo?

— André é de sua família

— Ele não precisa ser compreendido e sim corrigido, ele tem que assumir a postura do homem que é e parar de andar por aí como uma vadia!

— Pare, Rogério, não fale dessa maneira à respeito de seu irmão!

— Me desculpe, mas não posso me expressar de outra forma, pois me envergonho grandemente de tê-lo como irmão!

— Ele não tem culpa de ter nascido afeminado, meu filho, ninguém escolhe ser assim!

— Concordo plenamente, mas só permanecemos numa determinada condição se quisermos, temos a opção de não ser aquilo que nascemos predestinados. Se ele lutar contra esse defeito moral vai conseguir se libertar

— A homossexualidade não pode ser vista como um defeito na moralidade das pessoas, trata-se de uma condição humana que precisa ser melhor aceita e compreendida

— Está certo, vejo que meus argumentos não lhe convencem do contrário, mas nem espere que eu ou meu pai apoiemos essa tal "condição humana" no André, para nós isto não passa de uma dominação satânica na qual ele vive escravizado.

Algo que deve ser combatido à luz da Palavra de Deus, pois para o Senhor a homossexualidade é uma abominação!

## Preconceitos

O jovem encerra seus argumentos e sai daquela sala com clara insatisfação, o ódio estampado no rosto muito lembrou a mesma atitude do pai a respeito deste assunto dias antes. Sueli sabia que não seria fácil convencê-los. Conscientizá-los de que André era vítima do destino e não culpado por ter tais características. O adolescente permaneceu em casa o restante da semana sem ir à escola, devido ainda serem visíveis os sinais do espancamento.

Passou a maior parte do tempo trancado no quarto, lendo seus livros, ouvindo suas músicas e assistindo seus filmes preferidos. E evitando ter por perto quem o ofendesse por ser diferente dos outros meninos. Na verdade, o que de fato buscava era encontrar respostas para sua condição, precisava entender porque havia nascido daquela maneira estranha. Sua alma era de um homem, mas seu corpo, porquanto também fosse masculino, reagia como o de uma mulher.

E era isso que irritava seu pai e o irmão mais velho, quanto mais se aproximava sua juventude, cada vez mais sentia efeitos maiores de sua homossexualidade, sentia-se atraído pelo sexo oposto e sabia que se seus críticos percebessem isso a coisa iria se complicar mais ainda para o seu lado dentro daquela casa.

Era difícil demais ter que conviver com seus medos e suas dúvidas em silêncio, conversando consigo mesmo. Sem ter com quem dividir suas confusões da alma que vivia atormentada dentro dele.

Precisava falar sobre os incompreendidos desejos que começavam crescer dentro de si, semelhante a uma chama que lhe queimava cada parte do corpo, como se o próprio inferno lhe tragasse vivo. Os meses se passaram e chegou o Natal, ocasião em que as famílias se reuniam e os vizinhos se mostravam mais afetuosos uns com os outros, boa oportunidade para tentar fazer novas amizades. Bem, pelo menos para as pessoas "normais".

Todos os anos era a mesma coisa: As mulheres preparavam uma grande ceia onde moravam e ali reuniam-se com seus parentes para festejar a noite natalina. Antes da meia noite os jovens saiam em busca de garotas para curtirem na madrugada, e ele, recalcado, passava o tempo todo sentado num canto qualquer olhando o movimento. Os casais que namoravam ou conversavam sobre qualquer coisa e riam-se sem parar e confraternizavam-se naquela ocasião importante.

As pessoas ali não costumavam lhe dar atenção, era visto como uma assombração pelos vizinhos, que proibiam seus filhos até de aproximarem dele. Tamanho era o preconceito que chegavam a agir de maneira ridícula ao pensar que um simples contato verbal poderia contaminá-los com sua feminilidade. Mas naquela noite tudo seria diferente, porque um novo personagem passaria a fazer parte de sua vida.

— Olá, sou o Henrique, moro na casa ao lado — Surpreso com a aproximação repentina do vizinho, responde intimidado

— Olá, sou André...

— Vai passar a noite inteira sentado aí?

— Sem muitas opções...

— Acabou de ter uma, venha, vamos até minha casa jogar um pouco

— Desculpe, não sou muito bom de games, meu irmão Rogério é que entende bem disso, vive jogando com os amigos

— Não estou interessado em jogar com seu irmão, mas com você, deixe de timidez e me acompanhe!

— Preciso avisar minha mãe!

## Preconceitos

— Quantos anos você tem?

— Treze... — E nessa idade ainda tem que avisar a mãe que vai na casa ao lado?

— Tudo bem, vamos...

Daquele momento em diante se tornaram grandes amigos, Henrique era um rapaz alegre, espontâneo e sem qualquer preconceito com seu jeito estranho de ser. E isto fez com que pela primeira vez ele não se sentisse excluído. Porém, aquela amizade daria o que falar.

Ela geraria muitas polêmicas, principalmente por parte daqueles que o julgavam um pervertido. Os pais do novo amigo eram bem diferentes dos seus familiares e dos demais moradores, totalmente modernos, não limitavam o filho quanto as amizades.

Eram enfermeiros e passavam a maior parte do tempo ausentes, uma tia viúva e sem filhos cuidava da casa e do adolescente de dezesseis anos, durante todo o dia. No novo ano letivo, Henrique e André passaram a estudar na mesma escola e a amizade dos dois passou a incomodar muita gente. Inclusive os mesmos que tempos atrás o espancaram.

Na tarde de quinta-feira os dois seguiam a pés rumo bairro onde moravam, na periferia, quando um grupo de rapazes e moças passaram a zombar deles, acusando-os de serem um casal gay.

Aos poucos as agressões verbais passaram a se transformar em físicas, atiravam pedras, e qualquer coisa que estivesse ao alcance, contra os dois adolescentes e os atingiram, causando-lhes sérios hematomas. Alguns populares, indignados com a cena que presenciaram, decidiram intervir e afugentaram os agressores.

Com ferimentos no corpo e na cabeça, foram levados a um posto de emergência para medicarem-se. Os últimos acontecimentos levaram os pais a adotarem medidas mais drásticas contra os agressores e os denunciaram às autoridades. E as mesmas colocaram viaturas policiais nas proximidades da escola. A amizade deles só aumentava e viviam juntos a todo momento, despertando comentários maldosos até em casa:

— Parece que agora ele se assumiu de vez

— Deixe a vida dos outros em paz, Laércio!

— Era só o que faltava, um pastor com um filho gay dentro de casa, que moral ele vai ter para doutrinar a igreja ou repreender os erros dos fiéis?

— Pare de cuidar da vida alheia e comece a se preocupar mais com Roberto!

— Nosso filho é um menino ajuizado, não vai se envolver com essa gente!

— Nunca sabemos o que pode acontecer no amanhã, com certeza nosso vizinho nunca imaginou ter que viver essa situação vergonhosa na família

— Pois para mim isso é falta de pulso forte na criação dos filhos, passaram a mão demais neles e olha aí o resultado, se transformaram em dois imorais!

— Gays, homem, hoje em dia se chama gays! Que nada, podem até modernizar o nome que dão a estas aberrações, mas vão continuar sendo as mesmas imundícies de sempre!

— Homem preconceituoso!

## Preconceitos

— Não tenho preconceito algum, é nojo mesmo dessa raça imunda! E vou logo te avisando, mulher, nem pense em voltar a frequentar a igreja daquele pastorzinho fuleira com meu filho. Não quero ele metido com essa gente!

— Deixe de ser chato, homem, a igreja não tem culpa do pastor ter um filho gay!

— Tem sim, a bíblia não ensina que Deus condena estas coisas, porque, então, aceitam isso sem tomar qualquer providência?

— E o que acha que deveríamos fazer?

— Expulsar esse maldito com a família dele de lá!

— Ficou louco? Não se pode expulsar um pastor assim de uma igreja!

— Deixe de besteira, Filomena, se expulsa até presidente corrupto do poder, quanto mais um pastor! Ora, tenha paciência!

O homem sai enraivecido com o rumo da conversa e sua esposa apenas o observa, discordando de suas conclusões. Mas, não apenas Laércio, como vários outros pais começaram a não concordar com a ideia de admitir a permanência de seus familiares na mesma igreja onde André se congregava. No meio dos cristãos não deveriam existir preconceitos, mas parecia ser o local de maior rejeição a ele, agora aos quatorze anos.

A comemoração de ente aquele que todos diziam ser seu namorado, foi uma reunião rápida e contou apenas com Henrique e os pais dele, sua família não compareceu e sua mãe, a única que acreditava se fazer presente, foi impedida de comparecer.

Foi detida pela implicância do marido, revoltado com os comentários sobre um possível envolvimento dele com o filho do vizinho. Rogério passou a desprezar mais ainda o irmão depois destes comentários.

E aconselhava o pai para que o expulsasse de casa. Alertando-lhe que caso contrário poderia perder o respeito de sua igreja. A ideia agradava o Pastor, pois já percebia os sinais negativos que a presença de seu filho caçula causava no seu ministério, tanto por ver reduzir cada dia mais o número de fiéis no templo. Como pelas insinuações ouvidas da parte de outros obreiros, durante as reuniões mensais realizadas nas convenções, ocasião em que era indiretamente acusado de ser conivente com o pecado dentro da congregação.

E, devido aos muitos falatórios, a liderança da denominação deu um ultimato ao pastor. Informou-lhe fosse mais enérgico com os dois jovens, acusados da prática do homossexualismo. Que fossem imediatamente impedidos do convívio com os demais membros no templo cristão. Em casa, diante da pressão pela qual passava, o líder religioso e sua esposa passaram a viver em constantes desentendimentos:

— Tudo é culpa desse maldito, me esforcei tanto para construir uma boa reputação diante da minha igreja e de meus superiores para agora me ver numa situação vergonhosa como esta!

— Ele é nosso filho, precisam entender que não podemos abandoná-lo. Você esquece como funciona o ministério, eles impõem suas próprias regras e temos que seguir à risca!

— Deus deixou claro na sua Palavra que abomina a homossexualidade. A partir disso é dever de um cristão manter-se longe desta prática

— Não vou virar minhas costas para meu filho para agradar ninguém, nem mesmo a este Deus preconceituoso que vocês dizem servir!